

Os estudos de Walton, Hackman e Oldham, Huse e Cummings, Lippitt, Westley, Werther e Davis, Nadler e Lawler são clássicos?

The studies of Walton, Hackman and Oldham, Huse and Cummings, Lippitt, Westley, Werther and Davis, Nadler and Lawler classics?

RESUMO

OBJETIVO: Discutir a condição de clássico atribuída para os estudos de Walton, Hackman e Oldham, Huse e Cummings, Lippitt, Westley, Werther e Davis e Nadler e Lawler no meio acadêmico brasileiro.


MÉTODOS: A presente nota de pesquisa caracteriza-se como um ensaio acadêmico. O ensaio permite a discussão do tema e a exposição das ideias e dos pontos de vista dos autores sustentado em pesquisa referencial.

RESULTADOS: Apesar do reconhecimento real do seu valor, o estudo de Walton não é um clássico no sentido conferido pela literatura científica ao termo. O alcance dos estudos de Hackman e Oldham, Huse e Cummings, Lippitt, Westley, Werther e Davis e Nadler e Lawler apresentam indicadores bastante inferiores aos de Walton.


CONCLUSÕES: A condição de clássico atribuída no meio acadêmico brasileiro para um conjunto de trabalhos que tematizam a qualidade de vida no trabalho, desenvolvidos nos Estados Unidos das décadas de 1970 e 1980, é equivocada.

PALAVRAS-CHAVE: Qualidade de vida no trabalho. Clássico. Richard I. Walton.

Luís Eduardo Pilatti 
lepilatti@yahoo.com.br
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Ponta Grossa, Paraná, Brasil

Claudia Tania Picinin 
claudiapicinin@utfpr.edu.br
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Ponta Grossa, Paraná, Brasil

Caroline Lievore 
carolievore1@gmail.com
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Ponta Grossa, Paraná, Brasil

Celso Bilynkiewicz dos Santos 
bilynkiewicz@uepg.br
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, Paraná, Brasil

ABSTRACT

OBJECTIVE: To discuss the classic status attributed to studies by Walton, Hackman and Oldham, Huse and Cummings, Lippitt, Westley, Werther and Davis and Nadler and Lawler in the Brazilian academic environment.

METHODS: This research note is characterized as an academic essay. The essay allows for the discussion of the theme and the exposition of the authors' ideas and points of view supported by referential research.

RESULTS: Despite the real recognition of its value, the Walton study is not a "classic" in the sense given by the scientific literature to the term. The scope of studies by Hackman and Oldham, Huse and Cummings, Lippitt, Westley, Werther and Davis and Nadler and Lawler present indicators that are much lower than those of Walton.

CONCLUSIONS: The classic status attributed in the Brazilian academic world to a set of works that address quality of life at work, developed in the United States in the 1970s and 1980s, is wrong.

KEYWORDS: Quality of life at work. Classic. Richard I. Walton.

Correspondência:

Luís Eduardo Pilatti
Praça Barão do Rio Branco, número
233, apartamento 22, Ponta Grossa,
Paraná, Brasil.

Recebido: 2 set. 2021.

Aprovado: 28 set. 2021.

Como citar:

PILATTI, L. E. *et al.* Os estudos de Walton, Hackman e Oldham, Huse e Cummings, Lippitt, Westley, Werther e Davis, Nadler e Lawler são clássicos?

Revista Brasileira de Qualidade de Vida, Ponta Grossa, v. 13, e14698, 2021. DOI:

<http://dx.doi.org/10.3895/rbqv.v12.14698>.

Disponível em:

<https://periodicos.utfpr.edu.br/rbqv/article/14698>. Acesso em: XXX.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional. Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir deste artigo, mesmo para fins comerciais, desde que atribuam o devido crédito pela criação original.



NOTA

Durante a realização de revisão narrativa com o descritor **qualidade de vida no trabalho**, como parte da pesquisa *Avaliação da qualidade de vida de trabalhadores da região dos Campos Gerais, Paraná*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, do Campus Ponta Grossa, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, chamou a atenção a indicação da condição de clássico dada ao estudo de Walton (1973) e para alguns outros estudos realizados nos Estados Unidos durante as crises do petróleo.

A condição de clássico é conferida em alguns dos estudos mais citados no Brasil (DETONI, 2001; FERNANDES, 1996; PEDROSO; PILATTI, 2012; RODRIGUES, 1994), e, talvez, seja esta a origem da conotação dada em profusão por pesquisadores brasileiros. Os autores normalmente citados como clássicos da qualidade de vida no trabalho no meio acadêmico brasileiro, além de Walton (1973), são: Hackman e Oldham (1974); Huse e Cummings (2013); Lippitt (1978); Westley (1979); Werther e Davis (1996); e, Nadler e Lawler (1983). Caracterização semelhante não são encontradas nos estudos mais citados de bases como a Web of Science, a Scopus e a ScienceDirect.

Nos tempos modernos, o termo **clássico** foi reinventado, deixando de se referir a manifestações da Grécia Antiga, como o teatro ou os mitos. Mas, o que é um clássico?

O escritor italiano Ítalo Calvino, em *Por que ler os clássicos*, produz pistas importantes para a construção de uma resposta congruente com a realidade. Para Calvino (1993, p. 11):

Os clássicos são aqueles livros que chegaram até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem e nos costumes). Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.

E como nunca terminou de dizer o que tinha para dizer, cada nova leitura de um clássico revela algo despercebido, inesperado ou simplesmente genial. São obras complexas em essência, mesmo quando na sua aparência existe a simplicidade, que tratam de questões igualmente complexas.

A perenidade é uma condição destas obras. *O capital* de Karl Marx, *A ética protestante e o espírito do capitalismo* de Max Weber e *As regras do método sociológico*, de Émile Durkheim, escritos há mais de um século, são exemplos de clássicos. *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*, de Caio Prado Júnior, *Casa grande e senzala*, de Gilberto Freyre, e *Formação econômica do Brasil*, de Celso Furtado, são exemplos de clássicos brasileiros. Todas atuais.

Mas nem sempre o reconhecimento de um clássico é imediato. O *processo civilizador*, de Norbert Elias, é um exemplo. A obra escrita em 1939 permaneceu no ostracismo até 1976, quando ganhou os holofotes. Com *Raízes do Brasil* aconteceu o mesmo (FELDMAN, 2013).

Citar um clássico tem capital simbólico. A citação de uma obra, evidentemente, não é um mecanismo de avaliação de sua qualidade, produz avanços no conhecimento ou transforma esta obra em um clássico, mas diz muito. Para além da citação, um clássico ganha continuadores. Esta é outra característica dos clássicos. Outra, que faz um clássico vencer o tempo e, até mesmo, as intenções de seu autor, acontece com a capacidade de inspirar. Um clássico inspira ao captar e traduzir o espírito de seu tempo.

Agora, quem transforma uma obra em clássico não é o locutor e nem o interlocutor. Também não são as autoridades de um tempo. A transformação acontece com a capacidade de sedução da obra, com a existência de continuadores (e, também, de descontinuadores), com o caráter atemporal e com a capacidade de inspirar, ou, simplesmente, com o tempo. No meio acadêmico pode-se falar da meia vida de uma obra.

Neste meio, é descabido pensar no importante estudo de Walton como um clássico. A comparação de qualquer métrica de seu trabalho com, por exemplo, os das obras produzidas pelos **pais fundadores** da sociologia (Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx), é impensável. A título de ilustração, o trabalho maior de Marx está muito próximo das 400 mil citações (em agosto de 2021), enquanto o de Walton ainda não chegou as 10 mil. As diferenças são estratosféricas.

Outra comparação inadequada é a do estudo de Walton com os estudos de Hackman e Oldham, Huse e Cummings, Lippitt, Westley, Werther e Davis e Nadler e Lawler. As métricas são bastante distintas. Mesmo o estudo de Walton estando em outro patamar, não há de se falar em clássico.

REFERÊNCIAS

CALVINO, Í. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DETONI, D. J. **Estratégias de avaliação da qualidade de vida no trabalho: estudos de caso em agroindústrias**. 2001. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/79666>. Acesso em: 31 ago. 2021.

FELDMAN, L. Um clássico por amadurecimento: raízes do Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 28, n. 82, p. 119-140, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092013000200008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/SFVrQXp3RXf9vsiffSFDqvw/?lang=pt>. Acesso em: 1 set. 2021.

FERNANDES, E. C. **Qualidade de vida no trabalho**: como medir para melhorar. Salvador: Casa da Qualidade, 1996.

HACKMAN, J. R.; OLDFHAM, G. R. **The job diagnostic survey**: an instrument for the diagnosis of jobs and the evaluation of job redesign projects. Technical Report n. 4. New Haven: Yale University, 1974. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED099580>. Acesso em: 01 set. 2021.

HUSE, E.; CUMMINGS, T. **Organization development and change**. 10th. Stanford: Cengage Learning, 2013.

LIPPITT, G. L. Quality of work life: organization renewal in action. **Training and Development Journal**, Madison, v. 32, n. 7, p. 4-10, July 1978. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/10308000/>. Acesso em: 12 ago. 2021.

NADLER, D. A.; LAWLER, E. E. Quality of work life: perspectives and directions. **Organizational Dynamics**, Amsterdam, v. 11, n. 3, p. 20-30, 1983. DOI: [https://doi.org/10.1016/0090-2616\(83\)90003-7](https://doi.org/10.1016/0090-2616(83)90003-7). Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/10259588/>. Acesso em: 10 ago. 2021.

PEDROSO, B.; PILATTI, L. A. **Guia de avaliação da qualidade de vida e qualidade de vida no trabalho**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012.

RODRIGUES, M. V. C. **Qualidade de vida no trabalho**: evolução e análise no nível gerencial. Petropolis: Vozes, 1994.

WALTON, R. E. **Quality of working life**: what is it? Sloan Management Review, Cambridge, v. 15, n. 1, p. 11-21, 1973.

WERTHER, W. B.; DAVIS, K. **Human resources and personnel management**. 5th. New York: McGraw-Hill, 1996.

WESTLEY, W. A. Problems and solutions in the quality of working life. **Humans Relations**, London, v. 32, n. 2, p. 111-123, 1979. DOI: <https://doi.org/10.1177/001872677903200202>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/001872677903200202>. Acesso em: 8 ago. 2021.